

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

A NOTÍCIA INTERPRETADA: OS INDICADORES MODAIS E ATITUDINAIS NAS “CARTAS DOS LEITORES”

Lygia Maria Gonçalves Trouche (UFF)
lymt@terra.com.br

A ideologia, por sua vez, é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários. A ideologia não é, pois, ocultação, mas função da relação necessária entre a linguagem e o mundo. (Eni Orlandi)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas estratégias de leitura de textos de jornal – notícia e carta de leitores – com base em pressupostos da *análise semiolinguística do discurso* (Charaudeau, 1992), no conceito de gêneros textuais e em indicadores modais e atitudinais (Koch, 2003) na produção de sentido do texto. Os indicadores modais e atitudinais são usos linguísticos essenciais na construção de sentido do discurso, pois apontam o “modo como aquilo que se diz é dito.” Assim, os enunciados serão analisados e comparados, segundo as condições de produção de texto (tempo, lugar, papéis sociais dos interlocutores, objetivos da interlocução), a modalidade e o gênero textual, como características de atividades socioculturais da época atual.

Nessa perspectiva, a discussão dos aspectos linguístico-semânticos de interpretação de texto visa, sobretudo, à contribuição para a formação de um leitor crítico e à compreensão de sentidos vigentes na sociedade. O objetivo maior dessa comunicação é, portanto, de ordem pedagógica.

Ao tratarmos das implicações dos conceitos de tipologia textual e gêneros textuais em relação ao desenvolvimento da habilidade de leitura e da criação de texto no ensino, tomamos por base alguns postulados da análise semiolinguística do discurso de Charaudeau (1992), a conceituação de gêneros e de tipos textuais de Marcuschi (2003).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Precisamos considerar a vinculação entre as escolhas gramaticais (especialmente os registros de língua) e a produção de sentido com base nos interlocutores (seus objetivos, sua posição de enunciatador etc.) e a situação de comunicação. Muitos fatores influenciam no processo comunicativo, já que os textos se caracterizam pela pluralidade e heterogeneidade em sua composição. Logo, parece mais coerente destacar o modo de organização predominante do discurso, segundo o gênero textual que atende às várias esferas da atividade humana. Focalizar, pois, o gênero textual implica, sob uma perspectiva enunciativa, não só valorizar aspectos semântico-pragmáticos, mas também as formas gramaticais e a seleção do vocabulário adequadas à situação de comunicação. A escolha de cartas dos leitores publicadas em nossos jornais diários se justifica por tratar-se de material de fácil consulta, por ser uma atividade característica de nossa cultura e por constituírem textos em que o locutor, como fonte de seu dizer, comenta os acontecimentos que estão presentes nas pautas da imprensa. Como podemos observar, a mídia direciona as nossas conversas na medida em que a pauta dos jornais seleciona os fatos a serem destacados como importantes na sociedade. Os meios de comunicação interferem não só no que as pessoas conversam, mas também como elas conversam. Enfim, as cartas dos leitores refletem de modo generalizante a formação de opinião de determinada faixa social: a daqueles que lêem jornal.

A PROPOSTA DE ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA DE CHARAUDEAU

Oliveira (2003) destaca como pontos positivos da proposta de análise de Charaudeau seu ponto de vista lingüístico, na medida em que a interpretação parte de um texto, isto é, do seu material lingüístico – fonemas, morfemas, palavras, frases. E também dá conta do discurso, porque o texto é analisado em seu contexto discursivo do qual fazem parte outros textos pré-existentes, bem como a situação de comunicação, os modos de organização do discurso, os sujeitos da comunicação, os tipos de texto, o projeto de fala.

O ato de comunicação (Charaudeau, 1992, p. 634) é um dispositivo composto de um sujeito falante (locutor na fala ou na escrita) e de um interlocutor que mantêm entre si uma relação para a pro-

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

dução dos sentidos. Os componentes que entram no jogo comunicativo podem assim ser resumidos:

a) *situação de comunicação* que engloba o aspecto físico e mental em que se encontram os parceiros da troca linguageira, os quais, por sua vez, são determinados por uma identidade psicológica e social. Esses parceiros estão envolvidos num contrato de comunicação que Charaudeau (1983, p. 54) define como:

O contrato de comunicação é um ritual sociodiscursivo constituído pelo conjunto das restrições e liberdades resultantes das condições de produção e interpretação do ato de linguagem, as quais codificam tais práticas, deixando ao eu-comunicante uma margem de manobra, dentro da qual este elabora seu projeto de comunicação.

b) *modos de organização do discurso* que constituem os princípios de organização da matéria lingüística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: enunciar, descrever, narrar e argumentar;

c) *língua* que constitui o material verbal (forma e sentido);

d) *texto* que representa o resultado material do ato de comunicação, afetado pelas imposições da situação.

Comunicar é uma tarefa complexa, já que não se trata apenas de se transmitir uma informação entre interlocutores, como se a linguagem fosse o reflexo do pensamento. A comunicação resulta de um processo de produção de linguagem, tanto do ponto de vista de sua concepção, como de sua compreensão. Hoje, pode-se formular que pensamento e linguagem se constituem por uma relação de reciprocidade (“*pensée et langage se constituent dans une relation de réciprocité*”, Charaudeau, 1992, p. 634).

Comunicar-se será, sob a perspectiva semiolingüística, proceder como atores de uma peça teatral, já que estamos todo o tempo “representando”, conforme a situação de comunicação, a posição sociocomunicativa dos interlocutores, o assunto etc. Talvez por isso, por essa compreensão da encenação do ato comunicativo em que assumimos papéis diferentes como locutores e interlocutores, Charaudeau fale em *mise en scène* do projeto de comunicação do (eu-comunicante) emissor da mensagem. O projeto de comunicação diz

respeito às estratégias verbais e não-verbais para envolver o interlocutor, atraindo-lhe a cumplicidade e a concordância.

No caso das cartas dos leitores, procuraremos analisar como se produz essa *mise en scène*, isto é, quais as estratégias verbais utilizadas pelo locutor para conseguir a adesão de seus interlocutores. E, principalmente, revelar os mecanismos discursivo-gramaticais que trazem à tona a atitude do locutor nos enunciados que escreve.

GÊNEROS TEXTUAIS

Esses papéis sociais que desempenhamos nas diversas situações de comunicação se materializam nos diferentes gêneros textuais de que dispomos, para a expressão de nossas intenções como falantes.

Marcuschi (2003) caracteriza gêneros como

Eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Para Marcuschi (2003), a expressão *tipo textual* designa uma composição teórica definida pela natureza lingüística (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Classificam-se como *tipos textuais* as seguintes categorias: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. Já a expressão *gênero textual* se refere aos variadíssimos textos materializados que fazem parte da vida diária, com características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo, composição específica. São exemplos de gêneros textuais: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, carta de leitores de uma seção de jornal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, ata, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica (e-mail), bate-papo por computador, aulas virtuais, novela, conto, roteiro de cinema, texto publicitário etc.

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

Outra categoria que merece destaque é a de *domínio discursivo*, designado como uma esfera de produção discursiva ou atividade humana. Tais domínios podem ser entendidos como: jurídico, jornalístico, religioso, midiático, político, acadêmico, científico etc. que dão origem a gêneros bastante específicos como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.

Ressalte-se que um texto pode apresentar-se tipologicamente variado, com a predominância de determinado tipo, em função de seu gênero, bem como do domínio discursivo a que pertença.

Já se pode imaginar a importância do conceito de gênero textual para o ensino de língua portuguesa. Dominar um gênero textual não se reduz a dominar determinadas formas de língua, mas sim a possibilidade de realizar, pela língua, objetivos específicos de comunicação, em situações sociais particulares. Logo, a adequada utilização dos gêneros textuais por parte dos falantes está firmemente estruturada na cultura, já que se trata de fenômenos sócio-históricos. Segundo Brockart (1999, p. 103) “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que confirma objetivos de aquisição de competências discursivas por aprendizes de uma língua (estrangeira ou não).

GÊNERO TEXTUAL: CARTA (DOS LEITORES)

Pode-se resumir o gênero “carta” como aquele em que se transmite uma mensagem a um interlocutor para dizer-lhe algo. É uma situação comunicativa em que os parceiros não estão face a face, mas mantêm suas identidades psicológicas e sociais. Segundo Charaudeau, esses parceiros estão envolvidos num contrato de comunicação que implica um ritual sociodiscursivo em que o eu-comunicante e o tu-interpretante devem conhecer seus papéis. Isso implica, ainda, que há um conjunto de liberdades e restrições, resultantes desse tipo de enunciação do ato de linguagem, com margem de manobra para o projeto de fala (atitude do eu-comunicante) e a construção de sua interpretação (atitude do tu-interpretante).

Entra, portanto, também em jogo a competência comunicativa que requer dos participantes da encenação, além do conhecimento de

mundo partilhado, a habilidade no uso da língua em registro adequado ao contexto – situação social/familiar dos participantes, os propósitos da interação, normas e convenções lingüístico-discursivas do gênero textual, para a criação dos sentidos que se deseja. Portanto, o texto do gênero carta deve apresentar os traços lingüísticos que permitam identificar o remetente (enunciador e o modo como se manifesta discursivamente como locutor) e o destinatário (através do uso do vocativo e dos pronomes de referência); a intencionalidade do remetente; os efeitos de sentido construídos para a persuasão ou manipulação do destinatário (leitor); a predominância do tipo textual.

A carta dos leitores, como um subgênero do tipo carta, é um texto de fácil acesso e habitual em nossos jornais e revistas. Por isso, trata-se de um material didático produtivo nas aulas de língua portuguesa, já que é um texto real, cumprindo uma função social importante. A carta do leitor tem, geralmente, por finalidade dirigir-se a um interlocutor (ou vários, se pensarmos nos leitores do jornal), para expor pontos de vista, criticar acontecimentos noticiados pela imprensa e, certamente, agir sobre os interlocutores, em favor de determinada argumentação. O gênero “carta do leitor” pertence ao domínio midiático (jornalístico) e permite ao enunciador realizar vários atos de fala como criticar, solicitar, parabenizar, agradecer, demonstrar desagrado etc. Por tudo isso, vemos as claras implicações de sua análise e produção como instrumento didático em que a língua (gramática) é observada sob o aspecto enunciativo, enfim uma gramática em função dos sentidos que produz, em situação de comunicação. O estudo da gramática nessas circunstâncias passa a ser produtivo porque não mais centrado na metalinguagem e em padrões, por vezes, altamente idealizados.

INDICADORES MODAIS E ATITUDINAIS

Os *indicadores modais e atitudinais* são importantes na construção dos sentidos e dizem respeito à atitude com que o locutor (enunciador) se coloca ante os enunciados que produz.

Os *indicadores modais*, “também chamados modalizadores em sentido estrito, são igualmente importantes na construção do sen-

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

tido do discurso e na sinalização do modo como aquilo que se diz é dito.” (Koch, 2003, p. 50)

A modalização da linguagem permite-nos perceber aquilo que é dito sem que o locutor tenha sempre plena consciência de seu dizer. Enfim, é a marca lingüístico-semântica do locutor no enunciado.

Koch (2003) mostra que a modalidade se constrói (se lexicaliza) por meios lingüísticos tais como:

- a) expressões cristalizadas do tipo “é+ adjetivo” (é necessário; é possível; é certo; é obrigatório; é óbvio etc.);
- b) advérbios ou locuções adverbiais (talvez, provavelmente, possivelmente, certamente etc.);
- c) verbos auxiliares modais (poder, dever, querer etc.);
- d) auxiliar modal + infinitivo (ter de + infinitivo; precisar/necessitar + infinitivo; dever+ infinitivo etc.);
- e) orações modalizadoras (tenho a certeza de que; não há dúvida de que; há possibilidade de; todos sabem que etc.).

Além desses indicadores, a modalidade também se expressa por meio dos *indicadores atitudinais*, que expõem, de certo modo, a emoção do locutor no ato da fala. São eles:

- a) advérbios e expressões de valor adverbial caracterizando enunciados (felizmente; infelizmente; é com prazer; pesarosamente; francamente; orgulhosamente etc.);
- b) adjetivos ou expressões adjetivas que demonstram a atitude subjetiva do locutor numa avaliação de fatos (excelente; extremamente);
- c) advérbios ou expressões modalizadoras que delimitam o domínio discursivo ou o modo como o assunto é apresentado pelo locutor (politicamente; geograficamente; historicamente; sociologicamente; resumidamente; concisamente etc.).

O estudo da modalização, embora seja um dos aspectos fundamentais para a compreensão e interpretação dos textos, não tem recebido o destaque esperado nos programas de língua portuguesa no ensino médio. A observação constante dessas formas lingüísticas fa-

cilita o desenvolvimento de atividades de leitura e compreensão de textos, bem como contribui para a produção de textos adequados à situação de comunicação e a determinado gênero textual.

ANÁLISE DE CARTAS DOS LEITORES

A análise de algumas cartas de leitores, como exemplo, permite que se discuta a produção de sentido nesse gênero textual presente no jornal, observando aspectos da modalização.

Qual a importância de se desenvolver na sala de aula a leitura crítica dos vários gêneros constitutivos do jornal? Quais os elementos lingüístico-textuais que nos permitem interpretar os fatos relatados pela mídia escrita? Em primeiro lugar, nossos alunos, que se iniciam na tarefa da compreensão/interpretação de texto, têm na linguagem jornalística uma boa oportunidade de interação com os mecanismos mais sofisticados de representação do mundo. Como, então, orientar estudantes em fases iniciais de letramento na tarefa de encontrarem sentidos no texto de jornal? Mais do que isso, como fazê-los “ler” o mundo sob um olhar crítico? Segundo Charaudeau (2006, p. 45), trata-se de uma tarefa de comentar o mundo, através de um olhar subjetivo de avaliação de sua legitimidade e de apreciação de efeitos sobre a vida do homem. Trata-se da representação que se pode fazer do real no discurso. Essas representações “se baseiam na observação empírica das trocas sociais e fabricam um discurso de justificativa dessas trocas, produzindo um sistema de valores que se erige em norma de referência”. (Charaudeau, 2006, p. 47).

Observemos, na seção *Cartas dos Leitores* de *O Globo* de 9/05/06 e do *Jornal do Brasil* (mesma data), o entrecruzamento de vários olhares e discursos de representação sobre o incidente liderado pelo MSLT no Congresso Nacional, no dia 6 de maio de 2006. Vejamos os textos:

1) Diante dos atos de vandalismo que afrontam a ordem pública e ameaçam a democracia sentimos falta de uma legislação mais severa para pôr fim a essa baderna. Não seria o caso de se revigorar a Lei de Segurança Nacional? Com ela em vigor se combateriam, também, o crime organizado, que armado impõe o terror nos grandes centros do país. Hélio Duarte da Fonseca (via *Globo Online*, 8/6), Rio.

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

2) Os invasores do Congresso foram detidos, identificados, fichados e encarcerados, numa ação repressora rápida e eficiente. Tenho certeza de que esses criminosos pobres serão punidos pelo aparato legal, por tudo o que fizeram. Um dia verei as autoridades tratando da mesma forma os mensaleiros e os sanguessugas, políticos corruptos que praticaram crimes bem mais graves do que os cometidos pelos arruaceiros. Rodrigo dos Santos, Paracambi (RJ). (*Jornal do Brasil*)

Como se pôde observar, a subjetividade de cada locutor (aquele que se responsabiliza pelo dizer) se expõe pela apreciação que faz de um mesmo comportamento – a ação do MSLT. Percebemos aqui a presença da interdiscursividade ou heterogeneidade constitutiva das avaliações distintas de um e outro leitor sobre o episódio do protesto de integrantes do MSLT. Convém lembrar o conhecido conceito de Maingueneau de que “um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição” (*apud* Koch, 2002, p. 60).

Assim é que no texto 1, pela ênfase na seleção vocabular, o protesto foi avaliado como “*atos de vandalismo*”, como “*afronta à ordem pública*”, “*ameaça à democracia*”, “*baderna*”, criando a necessidade de uma “*legislação severa*”, por exemplo, a “*revigoração da Lei de Segurança Nacional*” (instrumento típico da ditadura militar), para combater inclusive o crime organizado. No trecho em questão, fica também evidente um pressuposto: o de que a Lei de Segurança Nacional se caracterizaria como um instrumento forte, que já teria sido utilizado com “sucesso” na sociedade em outra época. O *efeito de verdade* de tal discurso se prende a uma convicção, a um saber de opinião que o sujeito julga ser compartilhado por outras tantas pessoas. O *efeito de verdade*, ainda segundo Charaudeau (2006, p. 49), se realiza por mecanismos de enunciação de base psicossocial, em que o locutor procura a adesão de seu interlocutor a um dado universo no qual cada um dos parceiros da troca verbal tenta fazer com que o outro dê sua adesão a seu universo de pensamento e de verdade. Esse mesmo comentário pode ser feito em relação ao texto 2, embora sua orientação discursiva seja um pouco diferente: os manifestantes foram representados como “*invasores*”, “*criminosos pobres*”, “*arruaceiros*” cuja atuação está sendo referida como algo menos grave do que o comportamento de “*mensaleiros*”, “*sanguessugas*” e “*políticos corruptos*”. Os primeiros foram “*detidos, identificados, fichados e encarcerados*”. Os segundos, pelo silêncio do e-

nunciado no que se refere à punição, encaminha o argumento de que as autoridades os tratam, comparativamente, com complacência. O emprego dos adjetivos na referenciação das pessoas envolvidas e citadas revela as crenças, os intertextos¹ em que se apóia a argumentação. A atitude subjetiva do locutor está, portanto, detectada na avaliação (valoração) dos fatos narrados. Linguisticamente, os índices de avaliação correspondem ao uso de adjetivos (ou expressões adjetivas) e formas de intensificação. Há, ainda o aspecto da diferença de tratamento entre criminosos “pobres” em contraposição a outros “criminosos” detentores de poder. O uso do adjetivo “pobres” desencadeia essa teia semântica.

Fica evidente, nessa breve exemplificação introdutória, como a situação de comunicação, o lugar de onde se fala, a autoridade de quem fala, as diferentes perspectivas dos enunciados produzem sentido, criando uma ilusão de realidade. Fica também evidente a heterogeneidade constitutiva dos discursos.

Antes de continuarmos a análise da modalização em mais das outras cartas de leitores, vejamos uma notícia que motivou intensa manifestação do público, em 2007.

Notícia:

Agredida na madrugada de sábado por jovens moradores da Barra, a empregada doméstica Sirlei Dias de Carvalho Pinto disse ter ficado revoltada ao saber do comentário de Ludovico Ramalho Bruno, pai do estudante Rubens Arruda, de 19 anos, um dos cinco presos pelo crime. Ludovico se referiu ao grupo como “crianças que não deveriam ir para a prisão”. A polícia, no entanto, aponta Rubens como o mais agressivo e diz que ele foi o primeiro a bater em Sirlei.

– Se são adultos para bater em mulher, são adultos para ficar na cadeia. Ele (o pai de Rubens) foi o único pai que me procurou para pedir desculpa. Disse que sentia muito, mas agora fala isso. O que ele disse é completamente diferente do me falou. Eu perdoo esses jovens, mas quero que paguem pelo que fizeram. São adultos, sim, e devem ser punidos – disse Sirlei, que ontem foi à 16ª DP (Barra) fazer o reconhecimento dos cinco acusados. (*O Globo*, 27 de junho de 2007, p. 15)

¹ Emprega-se frequentemente “intertexto” para designar um conjunto de textos ligados por relações intertextuais. (Charaudeau & Maingueneau, 2004, p. 289)

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

Observamos que nesse gênero textual (notícia) o locutor procura centrar sua fala no fato, comportando-se como testemunha, que mantém uma aparente objetividade, apenas relatando o que outro diz. Assim, o recurso da polifonia² como uma forma de distanciamento do jornalista (locutor) caracteriza o texto de notícia de jornal. O locutor relata fato do espancamento de uma empregada doméstica, em determinado lugar e tempo e seus autores. Não se vê na notícia a presença de marcas lingüísticas que caracterizem, no texto, os indicadores modais e atitudinais que respondem pela posição com que o locutor se apresenta diante do enunciado que produz, a não ser, sutilmente, na escolha de colocar em cena, em discurso direto, a vozes do pai de um dos agressores e da vítima. Com os dados assim postos, cabe ao leitor interpretar e julgar o fato noticiado.

Em contrapartida, observemos como a notícia vem interpretada e modalizada pelos leitores que escrevem ao jornal, comentando o fato com a finalidade ilocutória de obter adesão de outros leitores: (*O Globo*, 27 de junho de 2007, p.6)

Carta n° 1 Piada de salão o pai dizer que o bonzinho do filho, que encheu de porrada a empregada doméstica, não pode ficar preso junto com bandidos. Será que esse senhor sabe o que o filhinho-do-papai faz fora de casa? Ele tem algum controle sobre a bandalheira do filhinho? Será que existe alguma diferença entre o filhinho e os bandidos? (Antonio José G. Marques, por e-mail, São Paulo)

A atitude subjetiva do locutor frente ao enunciado se evidencia especialmente na escolha vocabular: uso de diminutivos com valor pejorativo e irônico – “*bonzinho, filhinho-do-papai, filhinho*”; uso de substantivos considerados grosseiros referentes às atitudes do agressor – *porrada e bandalheira* e, por fim, a interpelação direta feita ao pai, tendo em vista suas declarações sobre o filho e o fato ocorrido, amplamente noticiadas pela imprensa.

Carta n° 2 Sr. Ludovico, respeito, sinceramente, a dor de sua decepção. Entretanto, tais “crianças” poderiam ter matado uma pessoa inocente e trabalhadora. Esses jovens são cruéis e demonstram suposto arrependimento apenas quando são pegos. E é muito provável que já tenham cometido outros atos de covardia pela noite. As suas crianças têm que fi-

² Polifonia: fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir “vozes” que falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes com as quais o locutor se identifica ou não.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

car presas, sim. O aprendizado pela dor talvez traga algum resultado.
(Ricardo Rainho, por e-mail, Rio).

Também podemos destacar como marcas da posição do locutor face ao enunciado que escreve o uso de adjetivação (“*inocente; trabalhadora; cruéis; suposto*”); atitude íntima do locutor demonstrada pelo advérbio modificador de todo enunciado (“*sinceramente*”); emprego de expressão cristalizada “*é+adjetivo*” (“*é muito provável*”); uso da palavra “*apenas*” para excluir outras possibilidades de interpretação; opção pelo auxiliar modal “*ter que*” com valor de obrigatoriedade (“*as suas crianças têm que ficar presas*”).

REFLEXÕES FINAIS

A análise de texto implica sempre um trabalho continuado ao longo da vida, pois como todo ato de leitura põe, face a face, quase sempre em confronto, conhecimentos de mundo e experiências discursivas diferentes. Muitos aspectos não podem ser relegados no ato de comunicação, para a construção de sentido do texto, resultante de uma interação necessária entre os interlocutores. Segundo Charaudeau (2006, p. 67),

A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. Como poderiam trocar palavras, influenciar-se, agredir-se, seduzir-se, se não existisse um quadro de referência?

Assim, a leitura como atividade pedagógica requer do professor uma experiência como leitor capaz de permitir uma orientação segura a seus alunos, para que se tornem também eles leitores menos ingênuos, frente à construção textual. É imprescindível a percepção e a descrição desse quadro de referências, para que as trocas linguageiras se dêem entre os interlocutores, de forma consciente. Pedagogicamente, um trabalho de leitura que valorize as questões da modalidade (em seus variados aspectos) e os índices atitudinais poderá expandir, de modo expressivo, nos alunos, as habilidades de compreensão e de interpretação de texto. Parece que o gênero textual “carta de leitor” constitui um material importante e adequado à análise da orientação discursiva do texto. Desse modo, a análise das formas linguísticas fica baseada no estudo de textos reais e a gramática pode ser percebida em seus recursos expressivos que situam textos em

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

seus contextos, ressaltando a relação necessária entre a linguagem e o mundo. Afinal, os textos que circulam em nossa cultura acabam por produzir efeitos de sentido, construindo simbolicamente o real.

BIBLIOGRAFIA

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

———. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

———. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. **In:** DIONÍSIO & MACHADO (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.